

KANHGÁG VĨ JAGFE - NINHO DE LÍNGUA E CULTURA KAINGANG NA TERRA INDÍGENA NONOAI (RS) – UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO INTERCULTURAL COM O POVO MĀORI DA NOVA ZELÂNDIA

Marcia Gojten Nascimento¹, Marcus Maia², Chang Whan³

Resumo

Esse artigo faz uma breve revisão acerca de questões concernentes às línguas consideradas em perigo de extinção no mundo, e apresenta resultados preliminares de um levantamento da situação da língua Kaingang na Terra Indígena de Nonoai (RS - Brasil). Descreve-se, em seguida, uma proposta de criação de um “ninho de língua e cultura Kaingang”, a ser desenvolvido nesta área, inspirado no programa Māori de revitalização linguística e cultural, Kohanga Reo, “ninho de línguas”. A iniciativa conta com apoio e parcerias de instituições acadêmicas e organizações Māori, que há décadas desenvolvem o bem-sucedido programa na Nova Zelândia.

Palavras-chave: Educação indígena, Kaingang, Māori, revitalização linguística, ninho de língua, bilinguismo.

Abstract

This article briefly reviews questions concerning world’s endangered languages, and reports a preliminary survey on the situation of the Kanigang language in the Nonoai Indigenous Land (RS-Brazil). A proposal of a Kaingang language and culture nest, inspired by the Māori language and culture revitalization program, the Kohanga Reo, n “language nest”, is then described. The initiative will have the partnership and support of New Zealand’s academic institutions, as well as Māori organizations that have been developing the acclaimed language nest program for several decades.

1 Marcia Gojten Nascimento, doutora em Linguística pela UFRJ, com pesquisa sobre a língua Kaingang, com extensa experiência em ensino de língua Kaingang, do fundamental ao superior.

2 Marcus Maia, professor titular da UFRJ, bolsista de produtividade em Pesquisa (CNPq), com experiência em línguas indígenas brasileiras e educação intercultural bilíngue.

3 Chang Whan, doutora em Artes Visuais (EBA-UFRJ), com pesquisa sobre arte e cultura indígena, consultora da UNESCO, com experiência em coordenação de projetos e gestão científica de documentação linguística e cultural no Museu do Índio-FUNAI.

Key words: Indigenous education, Kaingang, Māori, language revitalization, language nest, bilingualism.

1. Introdução

A ameaça de desaparecimento gradual de diferentes espécies da fauna e da flora no planeta é uma preocupação amplamente difundida por cientistas e ambientalistas, sendo já compartilhada pelo grande público em geral há várias décadas. Um grande número de estudos nos campos da Bioecologia e das Ciências Ambientais têm sido realizados, resultando em múltiplas ações em curso no sentido de tentar-se fazer frente às ameaças e preservar muitas espécies em perigo de extinção (cf. Carmel et alii, 2013). Além da crise ecológica e ambiental, o mundo globalizado encontra-se, hoje, também diante de uma grande ameaça que, por outro lado, lamentavelmente, não é ainda suficientemente conhecida e corretamente avaliada pela maioria da população no mundo moderno: a extinção em massa de línguas e culturas humanas. Milhares de línguas e culturas, que atestam a riqueza da diversidade da experiência humana, com suas formas peculiares e muito próprias de perceber, pensar, expressar, e de estabelecer relações com o mundo bio-social, encontram-se sob ameaça de desaparecimento. O grande público, contudo, cada vez mais consciente e preocupado com as questões ecológicas e ambientais, ainda não se mostra devidamente sensibilizado para a questão da ameaça às línguas e culturas. Linguistas e antropólogos vêm tentando alertar o mundo para o fato de que a diversidade linguística e cultural do planeta vem sendo crescentemente ameaçada no mundo globalizado. Conforme revisto em Maia (2006), o Atlas das Línguas do Mundo, publicado por cientistas britânicos (cf. Mosely et alii, 1994), aponta para o declínio vertiginoso das pouco mais de 6.000 línguas que, calcula-se, ainda sejam faladas no mundo hoje, com a projeção de que, dentro de apenas um século, metade dessas línguas já terá se tornado extinta. Prevê, também, o Atlas, que dessas 3.000 línguas sobreviventes, cerca de 2/3, aproximadamente 2.000 línguas, entrarão em processo inexorável de desaparecimento no século subsequente.

Outras avaliações são ainda mais dramáticas, conferindo à questão da morte das línguas, contornos de verdadeira tragédia. O estudo *Ethnologue: línguas do mundo*, feito por Grimes em 2000, indica que 96% das línguas são faladas por cerca de 4% da população do mundo e que apenas 4% das línguas são faladas por 96% da população mundial. Ou seja, 96% das línguas têm um número extremamente reduzido de falantes, o que indica que todas estão ameaçadas de extinção. Um dos estudos mais citados sobre a perda linguística no mundo, o de Krauss (1992), prevê que até 90% das línguas do mundo estarão mortas ou moribundas dentro dos próximos cem anos. Restariam, então, apenas cerca de 600 línguas ainda vivas após a extinção de aproximadamente 5.400 línguas, já no fim do primeiro século do terceiro milênio.

Os dados referentes ao Brasil não nos permitem contestar estas funestas previsões. Conforme analisado por Moore (2011), a situação das línguas no Brasil é análoga à situação mundial. Rodrigues (1993) estima que se falavam no Brasil, em 1500, na época dos primeiros contatos, quase 1300 línguas diferentes, havendo mais de 1100 sido extintas desde então. Moore (2011) avalia que há hoje no Brasil, apenas cerca de 150 línguas, faladas por uma população de 700.000 pessoas. Estas línguas sobreviventes, conforme afirma Franchetto (2004), seriam todas minoritárias e correm risco de extinção.

O panorama de vitalidade linguística e cultural das populações indígenas minoritárias no Brasil é imensamente diverso, havendo povos com algumas dezenas de milhares de falantes, como os Ticuna, os Guarani e os Kaingang e povos com apenas algumas dezenas de falantes, como os Ofaié, os Tapayuna, os Juma, entre vários outros. Diversas etnias indígenas já perderam suas línguas, como é o caso dos povos indígenas do litoral da Bahia, como os Pataxó e os Tupinambá⁴. Outras contam com poucos últimos anciãos falantes de suas línguas, como os Avá Canoeiro. Das cerca de 250 etnias indígenas que vivem no Brasil, falantes de 150 línguas, há, de um lado, populações que convivem com a sociedade brasileira há séculos, como os Guarani, Ticuna, os Karajá, entre outros, e, de outro, há os que ainda são considerados isolados, não contactados, vivendo em pequenos grupos nômades na floresta amazônica. As circunstâncias que impactaram as populações indígenas, acarretando perdas linguísticas e culturais estão historicamente associadas a conflitos de ordens diversas, desde os primeiros contatos, repressão explícita ao uso da língua nativa em escolas, ações missionárias proselitistas, políticas públicas de assimilação e dissolução das populações indígenas, discriminação por parte de populações regionais no entorno das aldeias, o impacto da globalização, entre vários outros fatores.

A despeito desse panorama desafiador de ameaça à vitalidade linguística das populações indígenas brasileiras, as ações de preservação e de revitalização de línguas, que demandam procedimentos sistemáticos complexos, são ainda raras, incipientes ou mesmo praticamente inexistentes no Brasil. No presente artigo, apresenta-se uma proposta de ação de revitalização linguística e cultural iniciada em 2016, na comunidade indígena Kaingang de Nonoai (RS), com a discussão das bases de um futuro ninho de língua e cultura Kaingang, inspirado na experiência do povo Māori, da Nova Zelândia. A proposta é concebida como um esforço para frear os crescentes índices de perda linguística e cultural que preocupam professores, diretores de escolas, pais e lideranças das comunidades Kaingang. O empreendimento se inscreve no âmbito da cooperação acadêmica oficialmente firmada entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Massey da Nova Zelândia, tendo também a expressa intenção de apoio da Universidade Federal da Fronteira Sul, além de organizações Kaingang, da FUNAI, da Secretaria de Estado de Educação do Rio Grande do Sul, entidades presentes nas reuniões realizadas na Terra Indígena Kaingang de Nonoai, em agosto e em outubro de 2016.

Na seção 2 do artigo faz-se uma breve apreciação do programa de ninhos de língua Māori, desenvolvido com sucesso na Nova Zelândia desde o início da década de 1980. Na seção 3, procura-se esboçar um levantamento preliminar da situação sociolinguística da Terra Indígena Nonoai, projetando-o no contexto mais amplo da população Kaingang. Na seção 4, apresenta-se a proposta de ninho de língua Kaingang a ser desenvolvida na Terra Indígena Nonoai. Na seção 5, apresentam-se as considerações finais do artigo.

2. O Programa de Revitalização da língua Māori na Nova Zelândia

Segundo avaliado pelos linguistas Leanne Hinton e Ken Hale, no livro *The Green Book of Language Revitalization* (cf. Hinton & Hale, 2001), o programa de Ninho de Língua Māori desenvolvido na Nova Zelândia pode ser considerado como um dos programas de maior sucesso no mundo na revitalização

⁴ <https://pib.socioambiental.org/pt>

de uma língua em perigo de extinção. Berardi-Wiltshire, Petrucci e Maia (2015) resenham trabalhos que avaliam a situação da língua Māori na Nova Zelândia em 1975, indicando que menos de 20% dos Māori sabiam usar a língua Māori, por eles chamada de Te Reo Māori, suficientemente para poderem ser considerados falantes nativos, e mesmo nestes indivíduos, o inglês já tinha deslocado a língua Māori para o domínio do ambiente doméstico. Ao longo da década de 1970, os Māori, principalmente os que viviam nas cidades, se alienaram quase que completamente de sua própria cultura e língua e, embora algumas pessoas ainda mantivessem algum contato com as suas aldeias de origem, a língua e a cultura dos Māori pareciam, de fato, em vias de extinção. Na tentativa de enfrentar a grande ameaça de extinção linguística e cultural, a partir dos anos 1970, muitos Māori começaram um movimento importante para reafirmar sua identidade, inspirados geralmente por uma consciência crescente do impacto letal da colonização britânica sobre a língua e a cultura Māori e pela certeza de que, se medidas urgentes não fossem tomadas, estas seriam irremediavelmente perdidas no breve período de uma ou duas gerações.

Manifestações para o fortalecimento da cultura e da língua Māori começaram, então, a surgir nas cidades. Em 1972, três grupos de ativistas Māori peticionaram a assembleia legislativa para promover a língua. O programa Te Wiki o Te Reo Māori (a semana da língua Māori) foi introduzida em 1975, abrindo caminho para mais iniciativas com o objetivo de tentar, de alguma forma, salvar a língua Māori da extinção.

Desde então, o desenvolvimento mais importante na educação Māori foi o surgimento de várias ações e instituições por iniciativa da própria população Māori. Nos primeiros anos da década de 1980, o movimento Kōhanga Reo (Ninho de Língua), que criou escolas infantis, abriu o caminho para que, poucos anos depois, as Kura Kaupapa Māori (escolas de imersão em Te Reo Māori) fossem introduzidas. Devido, pelo menos em parte, ao aumento significativo do número de escolas nas quais o Māori era a língua de ensino, os esforços para assegurar a sobrevivência de Te Reo Māori se intensificaram em 1985. Foi nesse ano que Te Rōpū Whakamana i te Tiriti (o Tribunal do Tratado de Waitangi) recebeu oficialmente uma importante reclamação sobre a situação da língua Māori, asseverando que Te Reo Māori era uma taonga (tesouro) que o governo neozelandês tinha a obrigação legal de proteger sob o Tratado de Waitangi. O Tribunal decidiu a favor dos reclamantes e recomendou várias medidas legislativas e políticas, que levaram à designação de Te Reo Māori como língua oficial da Nova Zelândia, através do Decreto da Língua Māori emitido em 1987. Os Ninhos de Língua são constituídos por centros de educação pré-escolar e por creches, nas quais todas as atividades educacionais e instrucionais são transmitidas apenas por meio da língua Māori. Nas Kōhanga Reo, as mokopuna (crianças) são totalmente imersas em Te Reo Māori e em sua tikanga (cultura), desde o nascimento até a idade de seis anos, quando já podem entrar na escola primária. Te Kōhanga Reo se traduz literalmente como ‘Ninho de Língua’, uma metáfora diretamente relacionada a um dos objetivos fundamentais do movimento Kōhanga Reo – a manutenção de Te Reo Māori pela transmissão da língua às crianças das novas gerações.



Figura 1 -Visão frontal do Ninho de Línguas Mana Tamariki, Palmerston North, Nova Zelândia



Figura 2 - Área interna de recreação do Ninho de Línguas Mana Tamariki



Figura 3 - Área interna de recreação do Ninho de Línguas Mana Tamariki

Atualmente, há mais de 460 Kōhanga Reo na Nova Zelândia. Todas independentes, estas escolas cuidam de mais de 9.000 crianças⁵. Embora o número de centros pré-escolares haja caído um pouco,

5 Te Kōhanga Reo National Trust < <http://www.kohanga.ac.nz> >

as Kōhanga Reo já produziram 60.000 ‘graduados’, desde o seu início. O movimento Kōhanga Reo tem, portanto, desempenhado, e continua a desempenhar, um papel muito importante na revitalização da língua Māori, permanecendo ainda hoje como o principal meio institucional de se promover a transmissão intergeracional da língua Māori.

O movimento Kōhanga Reo, reconhecido como uma das iniciativas de revitalização mais importantes e eficazes no mundo, inspirou outras iniciativas pré-escolares na Nova Zelândia e em vários outros países em que há populações minoritárias, motivando a criação de estratégias similares para revitalizar, por exemplo, as línguas Fijiana, Tongana, Rarotongan e Samoana. Entre estas, a iniciativa Pūnana Leo, estabelecida no Havá para revitalizar a língua nativa Havaiana, é notável (Stiles, 1997). Avaliando o sucesso do programa de Ninho de Línguas na Nova Zelândia, Berardi-Wiltshire, Petrucci e Maia concluem que:

“Hoje, a Nova Zelândia é considerada como um caso exemplar de revitalização linguística e cultural, sendo os programas descritos no presente artigo os empreendimentos diretamente responsáveis por haver salvo a língua e a cultura Māori da extinção. Trata-se, portanto, de exemplo importante com o potencial de contribuir para empoderar outros povos indígenas em sua luta contra a extinção, inclusive no Brasil “.(cf. p. 29).

Neste sentido, a possibilidade de se realizar um primeiro projeto piloto de formulação e implantação de um ninho de língua e cultura em uma comunidade indígena brasileira, a Terra Indígena Nonoai, da etnia Kaingang, com base nos projetos Kōhanga Reo da Nova Zelândia, estabelecendo um diálogo intercultural entre o povo Māori e o povo Kaingang, parece, de fato, promissora.

3. A Situação sociolinguística Kaingang

O povo indígena Kaingang faz parte do grupo dos povos de línguas e culturas Jê do Brasil, estando entre os cinco povos indígenas mais populosos do país, sendo também o mais populoso entre os Jê. Segundo estimativa do Instituto Socioambiental⁶, a população Kaingang pode chegar hoje a cerca de 35 mil pessoas. Esta população habita 32 Terras Indígenas espalhadas pelos estados da região sul do país (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e parte do estado de São Paulo. Assim como os demais povos indígenas, os Kaingang vivem hoje em parcelas muito reduzidas dos territórios que possuíam historicamente. Tradicionalmente, o povo Kaingang ocupava grandes extensões territoriais com vastas florestas de pinheirais, que constituíam a base de sua alimentação tradicional. (cf. Laroque, 2007).

A língua Kaingang é classificada por Rodrigues (1994) como pertencente à família Jê, do Tronco Macro-Jê. Embora haja divergências quanto ao número exato de variedades dialetais e suas distribuições geográficas, Wiesemann (1967), avalia que a língua possui cinco dialetos, os quais são distribuídos regionalmente, e seguem as seguintes denominações: dialeto de São Paulo; dialeto do

6 <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang>

sociolinguística do Kaingang, avalia-se que o número de falantes não ultrapassa 50%, na média das Terras Indígenas (D'Angelis & Veiga, 1995). Uma pesquisa preliminar foi realizada por Nascimento (2010), na comunidade da Aldeia Bananeiras que, na ocasião, possuía apenas uma escola de ensino fundamental incompleto, 1º ao 5º ano, a Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Peró Ga. Esta escola atende exclusivamente estudantes indígenas Kaingang, com idade entre 6 a 13 anos e, em alguns casos, crianças com até 16 anos de idade. No ano de 2010, a escola possuía 106 alunos matriculados. No questionário⁸, aplicado no âmbito de 123 famílias, incluindo tanto as que tinham crianças cursando a escola, quanto outras famílias da comunidade, focalizaram-se indicadores que pudessem informar sobre o grau de proficiência dos falantes (plenos e não plenos) existentes na comunidade, a porcentagem de crianças que estão aprendendo ou não a língua, o espaço que a língua ocupa na vida da comunidade, o que poderia estar ocasionando perda linguística, etc.

O questionário foi respondido por um membro da família, de preferência o pai ou a mãe (ou responsável) e quando possível os dois juntos. Na falta destes, um dos filhos respondia. Antes da aplicação do questionário, foi feito um levantamento prévio sobre cada família a partir de dados fornecidos pelo posto de saúde da comunidade e por algumas lideranças mais antigas, que conheciam bem os membros da comunidade. Conseguiu-se, com isso, obter-se o número de componentes de cada família, filhos adultos e crianças, bem como identificar casamentos interétnicos em que haveria filhos não falantes da língua Kaingang. Note-se ainda que o estudo restringiu-se apenas a uma das três comunidades que compõem a Terra Indígena Nonoai, a saber, a comunidade Bananeiras que, consensualmente, reúne o maior número de famílias falantes da língua, comparativamente às duas outras comunidades. Segundo o cacique José Orestes, liderança principal da Terra Indígena Nonoai, levantamentos informais realizados por ele, indicam que, nas comunidades de Pinhalzinho e do Posto Sede, haveria um percentual de até 40 por cento de não falantes da língua Kaingang. Na pesquisa empreendida por Marcia Nascimento na comunidade Bananeiras, entrevistou-se um total de 511 pessoas, havendo-se identificado que 81 dessas pessoas não eram falantes da língua Kaingang, entre elas 27 crianças com idade entre 1 a 12 anos.

Embora não se tenha detectado nesta comunidade de Bananeiras a existência de famílias nas quais os pais, ainda que falantes plenos da língua indígena, não a houvessem passado deliberadamente a seus filhos, sabe-se que esse é um dos fatos que marcaram a história do povo Kaingang em relação a sua língua. Em entrevistas com lideranças e outros membros das comunidades de Nonoai, obtiveram-se informações de que, há mais ou menos 20 anos, muitos casais de outras áreas Kaingang decidiram que seus filhos deveriam ser monolíngues em português, devido ao forte preconceito sofrido pela comunidade. Relatam-se mesmo casos em que professores da etnia Kaingang que ensinavam a língua indígena na escola, não a transmitiam em casa a seus filhos. A regra era ensinar o português para tentar de alguma forma minimizar o preconceito.

Embora a comunidade Bananeiras tenha um percentual relativamente alto de falantes da língua indígena, o questionário permitiu que se aferisse o uso da língua Kaingang comparativamente à língua portuguesa, pelas diversas faixas etárias, na sua interação intra e entre grupos, conforme se observa

8 Aplicou-se, entre outros, o questionário para o levantamento da situação sociolinguística e educacional que se encontra em Maia (2006).

no quadro a seguir:

	velhos	adultos	Jovens	Crianças
velhos	kaingang	kaingang	kaingang	Kaingang
adultos	kaingang	kaingang	1º kaingang 2º portugues	1º kaingang 2º portugues
jovens	kaingang	1º kaingang 2º portugues	1º kaingang 2º portugues	1º kaingang 2º portugues
crianças	kaingang	1º kaingang 2º portugues	1º kaingang 2º portugues	1º kaingang 2º portugues

Quadro 1 - Uso de línguas Kaingang e português na comunicação intra e entre faixas etárias

O quadro deixa claro que, à medida que se desce na escala etária, o uso da língua portuguesa se faz progressivamente mais frequente, ainda que como segunda língua. Os falantes de idade mais avançada são praticamente monolíngues em Kaingang, pois têm contato muito esporádico com pessoas não falantes da língua indígena. Este grupo é também o único que domina com fluência os estilos especiais da língua, que estão além da fala comum, tais como cantos e narrativas míticas, que tendem a ser menos conhecidos e praticados pelos membros das demais faixas etárias.

4. KANHGÁG VĨ JAGFE - Ninho de Língua e Cultura Kaingang

Buscando iniciar uma ação de revitalização linguística e cultural na Terra Indígena Nonoai, propõe-se, com o projeto do ninho de língua e cultura Kaingang, a implementação de ações de caráter inédito no cenário educacional indígena brasileiro, sob a forma de um programa de imersão linguística e cultural para crianças Kaingang. Considerando-se que a transmissão intergeracional seja um dos fatores chave para a vitalidade de uma língua minoritária, o foco de atenção e ação do ninho de língua e cultura se volta para crianças em idade pré-escolar, entre 1 e 6 anos, faixa etária em que normalmente se dá a aquisição de uma ou mais línguas.

A iniciativa atenderá crianças nesta fase pré-escolar, especialmente as que se encontram em situações sociolinguísticas nas quais o Kaingang não é mais usado pelos pais, mas apenas pelos avós, configurando-se como uma língua de herança para elas. O que se pretende, portanto, é promover a retomada da língua e reforçar a sua transmissão intergeracional, desde cedo, na primeira infância, fase em que as crianças estão adquirindo as línguas de forma orgânica, intuitiva e natural. A transmissão intergeracional, no caso, se dará no ninho de língua - Kanhgág vĩ jagfe, em uma situação sociolinguística educacional inversa ao que caracterizava a educação escolar da geração de

seus pais, quando o Kaingang era usado principalmente no ambiente doméstico, sendo o português a língua usada nas escolas. O investimento político pedagógico agora se volta para a promoção do bilinguismo, sobretudo oportunizando a aquisição da língua indígena pelas crianças, uma vez que a língua portuguesa tende a ser a língua dominante, e para o fomento da auto-estima linguística e cultural. Como bem definido nas palavras de ordem do movimento de revitalização cultural Māori, na década de 1970, a cultura e a língua são considerados *taonga*, os “tesouros” de um povo.

O bilinguismo de aquisição representa um grande trunfo no desenvolvimento cognitivo de uma criança, e, em consequência, de um jovem e futuro adulto. Em relatório sobre educação bilíngue de imersão na primeira infância para aquisição linguística, elaborado para o Ministério da Educação da Nova Zelândia, M. Skerrett e A. Gunn (2011), da Universidade da Canterbury, afirmam:

“Research overviewed in *Ka Hikitia: Key evidence* (Ministry of Education, 2009a) shows there are many benefits to speaking more than one language, including the ability to think more creatively and laterally, an appreciation of differing world views, a stronger sense of self and cultural identity, and a capacity to participate in more than one culture. It is important for students to get an early start in high quality immersion education and that they stay in a quality immersion setting for at least six years if they are to become fully bilingual and accrue advantage from being bilingual (May, 2010)”.

O modelo de Ninho de Língua Māori⁹ representa um caso de revitalização linguística e cultural que foi considerado exemplar, tendo, como mencionado acima, sido analisado em Hinton & Hale (2001) como, possivelmente, o mais eficaz programa de revitalização linguística e cultural no mundo. Conhecer a fundo a experiência Māori e o processo de reversão da situação crítica que a língua se encontrava, constitui-se como um instrumento importante para subsidiar apropriadamente o desenvolvimento sistemático de ações de preservação e de revitalização linguística e cultural entre os Kaingang e, posteriormente, entre outros povos do Brasil. A ameaça é séria e requer ações urgentes para tentar, de alguma forma, contê-la e o caso Māori é, sem dúvida, um exemplo relevante a ser estudado por todos os que acreditam ser ainda possível agir para que o grande patrimônio da humanidade, representado pela diversidade linguística e cultural dos seus povos, não venha a ser irremediavelmente erradicado em algumas poucas décadas.

Pretende-se, portanto, pensar estratégias e ações a partir do modelo Māori de “Ninho de Língua”, desenvolvido na Nova Zelândia, para uma situação específica de perda de língua no Brasil, que parece oferecer as condições adequadas para o estabelecimento de um projeto piloto pioneiro de revitalização linguística no país, a saber, o caso da língua Kaingang, na Terra Indígena Nonoai, no Rio Grande do Sul.

Apoiado por um acordo de intercâmbio acadêmico e cooperação entre a UFRJ e a Massey University da Nova Zelândia, assinado entre as duas universidades em 2016, e cujo foco está centrado em estudo e pesquisa voltados para questões de revitalização linguística e cultural, e com base no compartilhamento da experiência bem sucedida do Kōhanga Reo - Ninho de Língua Māori, o projeto

9 cf. os artigos de Berardi-Wiltshire e Te Rina Warren, neste número.

piloto de Ninho de Língua e Cultura Kaingang - **KANHGÁG VĨ JAGFE** – está sendo concebido de modo a se adequar à realidade sociolinguística educacional e cultural do povo Kaingang, com ampla participação de professores, lideranças e outros membros da comunidade Kaingang de Nonoai. O Ninho de Língua e Cultura deverá atender crianças da etnia em idade pré-escolar, de 1 a 6 anos, que não são mais expostas à língua Kaingang em seu ambiente familiar doméstico. A princípio, como diretrizes fundamentais, o Ninho de Língua e Cultura Kaingang deverá contemplar os seguintes aspectos educacionais:

- 1) Em caráter de imersão linguística cultural, ser um programa de educação operando em horário integral;
- 2) Ter como língua de ensino, bem como de comunicação geral, exclusivamente, a língua Kaingang;
- 3) Garantir a participação dos mestres anciãos Kaingang como formadores, através de contratação remunerada, devido a importância do potencial que estes representam na transmissão intergeracional do conhecimento tradicional e da língua Kaingang;
- 4) Ter em seu quadro de pessoal apenas falantes fluentes de Kaingang, desde a administração, professores, auxiliares, recreadores, até pessoal de cozinha e limpeza;
- 5) Compor uma grade curricular com atividades variadas que explorem a língua e a cultura Kaingang. Uma previsão preliminar dessa grade poderia incluir as seguintes atividades:
 - 8 hs – Desjejum
 - 9 hs - Horta
 - 10 hs - Preparo dos alimentos
 - 11hs – Recreação / atividades corporais
 - 12 hs - Almoço
 - 13 hs - Descanso
 - 14:30 - Cultura material
 - 15:30 – Lanche da tarde
 - 16 hs - Cultura imaterial
 - 17 hs – Jantar
 - 18 hs – Saída

Destaque-se a importância da língua usada por crianças em jogos e brincadeiras em fase pré-escolar, (*play language*), domínio verbal em que itens lexicais e regras gramaticais são intuitivamente processados e naturalmente assimilados. Também nesta fase, a criança pode desenvolver seu senso de pertencimento sociocultural, assim como o seu “lugar” neste meio, na comunidade e no mundo. Em tempos de aldeia global, como previu o visionário McLuhan (1989), saber transitar entre os muitos

mundos culturais é uma habilidade cada vez mais empoderadora. Neste sentido, pode-se conceber a educação bilingue de modo amplo, não restrito apenas ao aprendizado de uma segunda língua. Trata-se de criar e ampliar situações de aprendizagem em que a língua de herança e a língua oficial possam vir a ter importância e *status* equivalentes no desenvolvimento cognitivo infantil.

Em uma primeira reunião com lideranças, professores e representantes da comunidade Kaingang da Terra Indígena Nonoai, realizada em agosto de 2016, na Escola Estadual Indígena Cacique Sã Gre, em Pinhalzinho, uma proposta preliminar do projeto do Ninho de Língua e Cultura Kaingang foi apresentada e discutida, tendo sido muito bem recebida, com manifestações de preocupação face ao evidente processo de perda linguística, cultural e de identidade étnica. Sugestões e ideias tanto sobre a participação no projeto, quanto sobre aspectos de conteúdo, também foram recebidas, assinando-se, ao final, um termo de anuência da comunidade para a realização do projeto piloto.

Uma importante sugestão de possível espaço físico para a implantação do Ninho de Língua e Cultura Kaingang, foi a indicação, feita pelas lideranças Kaingang, do complexo do Centro Cultural Guarani e Kaingang, localizado em Pinhalzinho, na área indígena Kaingang e Guarani, entre os municípios de Nonoai e Planalto, que se encontra desativado há cerca de 13 anos. O Centro Cultural Guarani e Kaingang foi construído em 2003 pelo DAER, Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem, do Rio Grande do Sul, como medida compensatória pela passagem da estrada RS-324 em território indígena, tendo como propósito inicial servir como espaço de exposição e venda de artesanato produzido pelos Guarani e pelos Kaingang.



Figura 5 - Antigo Centro Cultural Guarani Kaingang, atualmente desativado.

O complexo consiste de cinco módulos de construções circulares em tijolos e cobertura em palha, sendo dois grandes - um central, à frente, e um ao fundo, com área de extensão – e três menores, distribuídos entre os dois maiores. Aparentemente, a estrutura dos módulos encontra-se em bom estado, precisando apenas reforço e reforma na cobertura e nas janelas e portas, além das instalações elétricas e hidráulicas das áreas de serviço. Para o Ninho de Língua e Cultura Kaingang propomos o aproveitamento do módulo maior ao fundo, com uma devida reforma e adaptação de seu espaço

físico, internamente e externamente. Os módulos menores poderiam ainda ser aproveitados como áreas de exposição e venda de arte e artesanato Kaingang e Guarani.



Figura 6 - Módulo maior com extensão ao fundo

Uma comitiva de pesquisadores da Nova Zelândia, filiados à Massey University, composta pelas professoras Arianna Berardi-Wiltshire, Beatrice Mari Te Ropata Hei, Te Rina Warren, acompanhada pelo professor Marcus Maia (UFRJ), e pelas pesquisadoras Márcia Nascimento (UFRJ) e Chang Whan (Museu do Índio), esteve em visita à comunidade Kaingang de Nonoai em outubro de 2016 para conhecer de perto a realidade educacional e sócio-cultural do povo Kaingang, e apresentar um relato da experiência de revitalização da língua do Ninho de Língua Māori para professores, lideranças e membros da comunidade Kaingang e autoridades locais convidados. Na ocasião, as intenções de cooperação para a implementação do ninho de língua e cultura Kaingang foram reafirmadas, bem como o convite à equipe brasileira para uma visita à Nova Zelândia, para conhecer o trabalho dos Kohanga Reo e Kura Kao Papa *in loco*.



Figura 7 - Professora Mari Te Ropata Hei fala sobre educação Māori para representantes da comunidade Kaingang, em Pinhalzinho, distrito de Nonoai



Figura 8 - Professoras Te Rina Warren e Mari Te Ropata Hei em visita à Escola Estadual Indígena Joaquim Gatên Casseiro, na aldeia Posto Sede

Em resumo, o projeto proposto tem como principal objetivo contribuir com ações práticas visando a reversão da escalada de perda linguística e cultural nas novas gerações Kaingang através da concepção e implementação de uma versão Kaingang de Ninho de Língua e Cultura, com base na bem sucedida experiência do Povo Māori da Nova Zelândia, que ora se dispõe a compartilhar a sua experiência.

Entre os próximos passos na execução do projeto, destacam-se a realização, no segundo semestre de 2017, de seminários acadêmicos da equipe proponente com os professores da Massey University, Cynthia White, Arianna Berardi-Wiltshire, Mari Ropata Hei, Te Rina Warren and Peter Petrucci, quando serão discutidos métodos de linguística educacional e de revitalização linguística, além de diferentes questões de linguística aplicada e educacional relevantes para o desenvolvimento futuro de um ninho de língua Kaingang. Os dados coletados em campo, na área Kaingang, com base na pesquisa sociolinguística resumida acima, serão apresentados como estudo de caso nesses seminários. Outros seminários também estão sendo previstos e agendados na *Mana Tamariki* e na *University of Otaki*, universidade administrada por membros da etnia Maori, que prepara os professores para atuarem nos ninhos de língua. Haverá oportunidade ainda para a observação participante em ninhos de língua Māori, na Nova Zelândia, onde serão apreciadas e avaliadas com base em observações primárias *in loco* as diversas técnicas empregadas na revitalização de línguas nesses ambientes.

5. Considerações Finais

Como se procurou caracterizar ao longo do texto, o projeto de ninho de língua Kaingang tem caráter interinstitucional e internacional, além de intercultural, propiciando o desenvolvimento de relações entre professores e lideranças Kaingang da Terra Indígena Nonoai (RS) com professores e pesquisadores da Massey University, Nova Zelândia, com professores e pesquisadores da UFRJ e com pesquisadores vinculados ao Museu do Índio do Rio de Janeiro, tendo por objetivo central implantar um ninho de língua e cultura na Terra Indígena Kaingang de Nonoai. O projeto prevê aplicar procedimentos de manutenção e preservação linguística utilizados em um caso exemplar de revitalização linguística no mundo, o programa de revitalização da língua Māori da Nova Zelândia

ao caso Kaingang, realizando os ajustes e adequações necessários a essa translação.

A relação entre a Massey University e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, já iniciada com a visita do Professor Marcus Maia a convite da Massey University, por três semanas, em 2015, seguida da visita oficial à UFRJ pelo *Head of the School of Humanities*, Prof. Kerry Taylor, à UFRJ, em fevereiro de 2016, poderá, então, vir a ser consolidada com o programa aqui descrito. Da mesma forma busca-se a consolidação da relação entre a Massey University e o Museu do Índio do Rio de Janeiro, bem como de relações a serem melhor estabelecidas entre a comunidade Kaingang de Nonoi e instituições Māori, da Nova Zelândia.

Destacamos a importância dessas parcerias para que se possa vir a contribuir mais efetivamente, de modo pioneiro, para o estabelecimento de programas de educação e de revitalização linguísticas com o potencial de vir a beneficiar a preservação da língua Kaingang e também, posteriormente, outras línguas indígenas faladas no Brasil, muitas avaliadas pela UNESCO, como estando severamente ou criticamente ameaçadas de extinção.

Referências

CARMEL, Y.; KENT, R.; BAR-MASSADA, A.; BLANK, L.; LIBERZON, J.; NEZER, O. Trends in ecological research during the last three decades – a systematic review. *PLoS One*, 8, e59813. 2013.

FRANCHETTO, B. Línguas Indígenas e Comprometimento Linguístico no Brasil: Situação, Necessidades e Soluções. *Cadernos de Educação Escolar Indígena, Barra do Bugres*. v. 3, n.1, p. 9-26. 2004.

GRIMES, B. F. (ed.), *Ethnologue: Languages of the World*, Fourteenth edition. Dallas, Texas: SIL International. 2000. On-line version: [http:// www.ethnologue.com/14](http://www.ethnologue.com/14).

BERARDI-WILTSHIRE, A.; PETRUCCI, P.; MAIA, M. (2015). Revitalização de Língua Indígena na Nova Zelândia: O Caso Exemplar das Escolas do Povo Māori. *Cadernos de Educação Escolar Indígena*, v. 12, n.1. Cuiabá: Editora MERIREU, 2015.

HINTON L.; HALE, K (eds.) *The Green Book of language revitalization in practice*. San Diego & New York: Academic Press, 2001.

KRAUSS, M. The world's languages in crisis. *Language*, n. 68, p. 4-10. 1992.

LAROQUE, L. F. da S. *Fronteiras Geográficas, étnicas e culturais envolvendo os Kaingang e suas lideranças no Sul do Brasil (1889-1930)*. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

MAIA, M. A Revitalização de Línguas Indígenas e seu desafio para a Educação Intercultural Bilingue. *Tellus*, ano 6, n. 11, p. 61-76. 2006.

MAIA, M; BERARDI-WILTSHIRE, A. An interview with Hinurewa Poutu Māori. *Revista Linguística UFRJ*, v. 11, p. 14-21. 2015.

MAIA, M. Manual de Linguística: Subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem. MEC-UNESCO. 2006. (http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=646-vol15vias04web-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192)

MCLUHAN, M. *The Global Village: Transformations in World Life and Media in the 21st Century*. Oxford University Press, USA, 1989.

MAY, S. Curriculum and the Education of Cultural and Linguistic Minorities. In: P. Peterson, E. Baker, B. McGaw, (Editors), *International Encyclopedia of Education*. volume1, pp. 293-298. Oxford: Elsevier, 2010.

MINISTRY OF EDUCATION. *Ka Hikitia: Key evidence and how we must use it to improve system performance for Māori*. Wellington, NZ: Ministry of Education, 2009a.

MOSELY, C.; ASHER, R. E. *Atlas of the world's languages*. London: Routledge, 1994.

MOORE, D. As línguas indígenas no Brasil hoje. In: H. Mello; C. Altenhofen; T. Raso. (Org.). *Os Contatos linguísticos no Brasil*. p. 217-240, 1ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

NASCIMENTO (Kaingang), M. Frases interrogativas Sim/Não na língua Kaingang: o uso da partícula interrogativa m̃y. In: FRANCHETTO, B. (org). *Pesquisas indígenas na Universidade*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2010. p. 33-50.

_____. *Tempo, Modo, Aspecto e Evidencialidade em Kaingang*. Dissertação de Mestrado, defendida no POSLING/UFRJ. 2013.

RODRIGUES, A. D. Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Delta*, n.9, v.1, p. 83-103. 1993.

_____. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. Ed. Loyola, 134 p, 1994.

SKERRETT, M; GUNN, A. *Quality in Immersion-bilingual Early Years Education for. Language Acquisition*. FINAL REPORT, August 2011.

STILES, D. B. Four successful indigenous language programs. In J. Reyhner (Ed.), Teaching indigenous languages (pp. 148-262). Flagstaff: Northern Arizona University, 1997.

WIESEMANN, U. Introdução à Língua Kaingáng. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics (SIL), Arquivo do setor Lingüístico do Museu Nacional. RJ, 1967.